

Juli Baldi: Bem-vindo ao Cultura Circular em Conversa uma série de entrevistas em áudio para explorar arte, cultura, ecologia e mudanças climáticas.

Você já imaginou que os festivais da América Latina e do Caribe não se destacam apenas pela criatividade mas também pelo impacto positivo no planeta e pelas conexões culturais que promovem?

É exatamente isso que buscamos fortalecer por meio do programa Cultura Circular, desenvolvido em colaboração entre o British Council e a Julie's Bicycle.

Começamos com uma breve introdução ao projeto. Em seguida, Julie Balde do Mapa dos Festivais, conversa com os organizadores de dois eventos, Gabriel Cevallos, do Festival Kino Beat, de Porto Alegre e Renée Chalut, do Festival Se Rasgum em Belém.

Acompanhe esse caminho que une criatividade e cuidado com o meio ambiente, promovendo novas práticas que marcam um passo importante na construção de um futuro mais sustentável, tanto no ponto de vista ecológico quanto social.

Introdução projeto: Agora, um pouco de história do programa. O Cultura Circular nasceu em um contexto pós-pandemia, quando os festivais buscavam recuperar sua vitalidade após a pausa global, ao mesmo tempo em que enfrentavam o desafio inevitável das mudanças climáticas. Este programa conecta festivais presenciais, digitais e híbridos da região com o Reino Unido, promovendo um intercâmbio cultural que vai além do artístico.

Por meio de mentorias com especialistas, apoio financeiro e a integração de práticas sustentáveis, o Cultura Circular incentiva novas formas de criar e vivenciar a cultura com responsabilidade ambiental. Com mais de 110 festivais em 75 cidades, estamos tecendo uma rede de projetos comprometidos com a sustentabilidade e a inovação.

Junte-se a nós nessa jornada!

Graciela: Obrigada por sua apresentação. Eu sou Graciela Melitzko Thornton da Julie's Bicycle em Londres. Julie's Bicycle é uma organização... Sem fins lucrativos que buscam mobilizar os setores da arte e da cultura em torno à crise climática, da preservação da natureza e da justiça social. Vai ter que me perdoar meu portunhol.

Especificamente na Cultura Circular, nosso papel se concentra no desenvolvimento das atividades de formação, mentoria e colaborações em rede para apoiar os festivais em suas ações ambientais. Fico muito feliz por poder compartilhar através destas entrevistas em áudio as experiências de alguns dos festivais que participaram das atividades da Cultura Circular.

Muito obrigada até pronto e agora as entrevistas.

Juli Baldi: Olá, eu sou Juli Baldi, diretora criativa do Mapa dos Festivais, uma plataforma de conteúdo e dados sobre festivais de música no Brasil. E este é o podcast Cultura Circular.

Neste episódio brasileiro que vocês estão ouvindo, eu tenho a honra de conversar com a Renée Chalu, sócia-diretora do Festival Se Rasgum, em Belém do Pará, e com o Gabriel Cevallos, diretor e curador do Festival Kino Beat, em Porto Alegre. E eu tô especialmente empolgada com esse bate-papo, pois esses dois festivais, além de serem incríveis e essenciais, têm propostas muito distintas, localizadas em contextos únicos.

Os Se Rasgum, na Amazônia, e o Kinobeats, no sul do país. Gabriel e Renée, muito obrigada por estarem aqui conosco. E pra gente iniciar, eu gostaria que vocês contextualizassem para os ouvintes um pouco sobre os festivais que vocês representam.

Renée: Oi Juli, prazer imenso estar aqui batendo esse papo com vocês, pra falar um pouco, do festival e das ações que a gente tem realizado aqui no norte, na Amazônia, do nosso Brasil.

E, nessa continuidade, que a gente tá trabalhando pelo segundo ano consecutivo, em parceria com o British Council, fazendo várias ações muito legais, focadas realmente na sustentabilidade, que é uma plataforma que a gente tem desenvolvido já há algum tempo, no festival, aprimorar, tentando aprimorar cada ano, implementando cada vez mais ações e fazendo também esse intercâmbio, artístico com Reino Unido, trazendo esses artistas pra dialogarem também com artistas aqui da região.

E como essa troca, consegue também criar, uma potência, artística pra falar sobre, temas que são comuns pro mundo, sobre a questão de como é que nós aqui enquanto festival na Amazônia conseguimos fazer a nossa parte pra diminuir os impactos, que os festivais causam que, como é que a gente consegue mitigar, pelo menos uma parte dos impactos que a gente, que os festivais causam. Então, o Festival Se Rasgum, o festival que completa, em 2025, vinte anos consecutivos. Então, nós estamos aqui presentes em Belém, no Pará, desde 2006.

E esse ano é um ano, uma edição especial, além de receber a Cop 30, o propósito do festival, desde o começo, sempre foi de conectar a nossa música amazônica com o resto do Brasil, e também fazendo conexões com o Brasil afora, desde o comecinho, assim, das primeiras edições, a gente sempre fez parcerias, internacionais, então, sempre tendo presença de artistas de vários cantos do mundo, não só britânicos, mas franceses. Trouxemos já artistas do Canadá, vários países também na América Latina. Então é fazer essa conexão da nossa música do norte pra que ela consiga também se conectar com o resto do Brasil, e também alcançar outros continentes também, outros países.

Juli Baldi: Sim, incrível.

E você, Cevallos, conta um pouquinho pra gente como é que é o formato, a linha curatorial, um pouquinho da história do Kino Beat.

Gabriel: Prazer, Juli, Renée e a todos que nos escutam, tô falando aqui com vocês um pouco do meu trabalho, do nosso trabalho aqui na cidade, em Porto Alegre, da experiência que o Kino Beat vem desenvolvendo ao longo dos últimos 16 anos.

O Kino Beat, ele teve muitas transformações e viradas ao longo dessa, mais de uma década e meia, e institui, então, hoje, como um festival de arte no que age multidisciplinar e que atua numa interseção entre artes visuais, música, audiovisual, cinema, tendo sempre a pesquisa e a experimentação, tanto os artistas convidados, mas também da parte curatorial.

Então, muito focado nessas experiências, musicais, sonoras e de ter formas voltadas também em palco de um teatro e depois o festival foi ganhando outro corpo, saindo do teatro, indo para outras instituições, indo para a rua, para galerias, para outros teatros.

Espaços abertos, enfim, uma multiplicidade de formações em que essa, essas fronteiras entre o som, a imagem, as artes visuais, a performance, o cinema, tudo isso está amarrado a partir de uma ideia de provocar a partir da arte sensações, curiosidade e reflexões sobre esse mundo em transformação em mutação que a gente tá dizendo, seja climática, seja social, eu acho que a arte então pode contribuir pra essas discussões e a partir desse, desse lugar que o Kino Beat se situa hoje, como essa plataforma de invenção, de fomento, de reflexão no campo da arte futura em geral.

Juli Baldi: E como vocês falaram, o Se Rasgum vão completa então esse ano 20 anos. E o Kinobeat vai aí pra décima edição em dezesseis anos já, de história.

E eu queria saber como é que eram as ações de diminuição do impacto ambiental de sustentabilidade lá no começo de Se Rasgum há vinte anos atrás, lá no começo do Kinobeat há dezesseis anos atrás. E como é que foi essa evolução até chegar nas ações que você tem em 2024?

Gabriel: Confesso assim que não teve grandes transformações, até pelo formato que o festival foi adquirindo ao longo do tempo, de ocupar instituições, espaços já existentes.

Por exemplo, a Casa de Cultura Marie Quintana, o Instituto Ying, aqui em quais em Porto Alegre, são referências, assim, de equipamentos culturais já existentes e que, enfim, dependem um pouco, da própria estrutura do prédio, da localidade em que já tem ali a sua emissão, já tem ali a seu esgoto, já tem ali a sua energia e que é difícil de festival interferir nesse sentido.

Mas eu acho que o que mudou, e mudou bastante, foi a partir aí de 2018, o festival foi ao longo, foi de forma gradual, assim, paulatina, inserindo dentro da sua programação, essas reflexões sobre as transformações na sociedade, no planeta, e esse ápice ele vem dentro, dessa parceria com o British Council.

A partir da Cultura Circular de 2023 a gente também tá no segundo ano consecutivo, trabalhando junto, em que surge a residência Formigueiro.

Que é uma residência artística que é um formato de trabalhar principalmente com artistas da cidade de Porto Alegre em colaboração com artista britânico e essa ideia também de reforçar a localidade acho que tem um pouco também de fomentar uma cena de fomentar essa produção de quem vive e faz a cidade também tem a questão é de que talvez este seja um dos movimentos a serem feitos no futuro, cada vez menos deslocamentos, cada vez mais a comunidade, seja ela artística,

seja ela de público, mas também a residência se tornar esse espaço, né, uma área de reflexão para atribuir, nessas discussões sobre as transformações. As vindas de uma pandemia, de uma enchente.

Então eu acho que o festival se consolidou esses últimos dois anos, principalmente a partir da Cultura Circular. Com esse espaço possível de como pensar a partir do campo da arte e é que falo arte no geral das muitas linguagens. De como a gente impacta o indivíduo, como a gente impacta a sensibilização do público, como isso pode. Aí reconfigurar alguns olhares, reconfigurar algumas formas de estar no mundo que podem desembocar realmente nessa transformação coletiva.

Então, eu acho que é um eterno também pensar assim, ainda mais longe, do papel da arte, no mundo, do papel da arte na nossa sociedade, de como isso pode, de alguma forma, de qual, é difícil mensurar, mas como isso pode nos despertar para outros comportamentos, outras consciências.

Juli Baldi: Daqui a pouco a gente, eu quero falar muito mais sobre essa residência, mas antes, Renée, conta um pouquinho pra gente dessa evolução aí das ações de sustentabilidade dentro desses 20 anos aí de Se Rasgum, o que que você destaca?

Renée: 20 anos é logo no começo a gente tinha muita dificuldade, assim, aquele velho, assim, uma pauta recorrente, que a gente tem falado muito entre os festivais, é as dificuldades que a gente tinha para levantar um projeto desse porte na Amazônia, no festival, lá em 2006, a gente até começou meio ousado, a gente fez três dias de programação numa reserva, foi no Parque dos Igarapés.

O Parque dos Igarapés, aqui em Belém, ele é um parque ecológico, é uma reserva e tal, a gente queria meio que dar essa pegada, dessa imersão até pra, pros artistas, que a gente trouxe na época, até inclusive imprensa, convidados, era algo que se assim hoje, ainda hoje, as pessoas realmente tem uma noção meio, estereotipada às vezes do que que é ser uma grande cidade na Amazônia, imagina isso há 20 anos atrás, então assim, mas a gente quis colocar também essa, desse contraste do urbano, uma floresta, e de como isso tudo se relaciona, e logo nas primeiras edições do festival, a gente sempre teve uma ideia assim de, "ah, estamos, somos um festival aqui na Amazônia, tem tantas . preocupações em relação de como é que a gente pode ressignificar contribuir, enfim, até com as comunidades ribeirinhas, começou a trazer essas pequenas ações pra dentro do festival, então a gente fez, eu acho que a partir da quarta edição do festival, a gente implementou, todas as camisas da equipe eram feitas de camisa PET, nós trabalhamos um espaço todo feito de reaproveitamento de materiais, então tinha pneu, tinha, é, bancos, feitos de garrafa PET, enfim, a gente quis tentar, naquele momento, trazer pro público de como que era importante ali fazer o trabalho mesmo, de separar, de fazer a parte ali, o básico, no nosso dia a dia, de trabalhar esse para os resíduos, a reciclagem também.

E aí também, nas outras edições, a gente já começou a ampliar. Então, a coisa realmente foi tomando um outro corpo pra que a gente conseguisse, nessa última edição de 2024, A gente conseguiu ser o primeiro festival da região a ter uma certificação de lixo zero.

E isso foi uma ação que eu, eu digo sempre que a gente não teria conseguido se não fosse essa parceria que a gente tem feito já com o British Council que viabilizou economicamente, a gente implementar e aumentar essa nossa plataforma que eu chamo de uma plataforma mesmo porque a gente criou dentro do festival um corredor de sustentabilidade, nós criamos ações lúdicas pra que o público pudesse entender como é que funciona. E nessa última edição a gente fez um vídeo-manifesto com artistas amazônidas pra falar sobre essa questão do impacto da crise da emergência climática na Amazônia.

Então, essas últimas duas edições eu acho que foi a gente deu um passo, a gente avançou bastante em função dessa parceria com o British Council. Então a gente tá bem contente com os resultados.

Juli Baldi: Muito legal a evolução, das ações dos dois festivais. E vocês dois comentaram essa coisa em comum de uma das evoluções foi essa parceria, de ter participado do Programa Cultura Circular do British Council e da Juli's Bicycle, receber esse treinamento, com a Julie's Bicycle E vocês também tiveram a oportunidade de se conectar com outros festivais participantes. Então, eu queria saber um pouco quais foram os maiores aprendizados que vocês tiraram desse programa.

Gabriel: Mas então, acho que a mentorias e as trocas, principalmente com umas palestras, muitos cases interessantes, de convidados britânicos e também de outros países, e, mas teve uma, fala, que eu não vou me recordar de quem foi, de uma das mentorias, que na verdade foi no dia 2023. Uma questão que eu, que eu achei muito pertinente, desde então, tentando trabalhar ela dentro dessa relação. e sustentabilidade, causas ambientais, ecologia dentro do festival, que era, de ao invés de tentar abraçar o mundo, de entender também o, as limitações de cada, as limitações e também, assim, os anseios de cada produtor, de cada organização, que a gente não vai dar pra fazer tudo.

Tu não vai conseguir trabalhar com a reciclagem, com a parte filosófica, com uma parte de energia, com uma parte de, enfim, com toda a cadeia, de ser 100% limpo, isso é algo complicado, ainda mais dentro das estruturas de festivais independentes, então, que ao invés de socar em todos os pontos e talvez ficar em dois pontos e tentar fazer o melhor possível esses. Então acho que foi uma assim um toque um caminho interessante de até para a gente também enquanto produtor lidar com essa ansiedade e com essa frustração de talvez nós não vamos só aqui sozinhos. Então assim como dentro das nossas possibilidades a gente que impacta a nossa comunidade, o nosso público, o que que dentro da identidade do de cada festival, de cada organização, o que que pode, vim com mais força dentro das suas pautas, ambientais.

Daí que surge nessa dentro dessa parceria, essa ideia da Residência Formigueiro, de trabalhar, com artistas, tópicos, pontos e ideias que estão em abolição porque a gente tá sentindo exatamente no corpo, as as consequências climáticas uma cidade como Porto Alegre. Nos últimos cinco anos foi afetado por uma pandemia como todo mundo mas também uma infeliz e muito drástica e de como a gente a partir do nosso local que é específico dos produtores dos fazedores de arte e cultura para sua necessidade de como isso a gente pode tocar as pessoas.

Então foi de novo dizer que foi muito importante a parceria com o British Council a partir do Cultura Circular. Porque surgiu as condições, como o Renée falou financeiras mesmo, a gente teve oportunidade de implementar um orçamento pensando nisso. E de novo, dentro da nossa cadeia produtiva, econômica, e a gente sabe a dificuldade que é para os produtores independentes fazer acontecer o festival como um todo.

Então a gente poder fazer um festival em geral, pensar as programações, mas também ter a possibilidade de focar em um ponto ou em alguns pontos dentro da questão de sustentabilidade, acho que é fundamental, foi fundamental, assim, para trazer essa pauta de forma mais presente e clara, para a cidade, para o público, de como é a arte e a sustentabilidade podem ter aí algumas relações fortes.

Juli Baldi: E como é que foram as trocas de experiência com outros países? O que que o Brasil, o que que a gente tem em comum com eles?

Gabriel: Eu acho que principalmente das trocas com parceiros da América do Sul eu acho que vem a questão daquela digamos gambiarra, não vou dizer entre essas uma precariedade econômica mesmo que a gente enfrenta, de superar essas questões assim, então os dilemas são os mesmos, problemas econômicos, estruturais de como fazer acontecer eventos complexos dentro de economias instáveis e não só economia, mas um poder público que às vezes não entende, não libera, não colabora.

Então eu acho que é uma questão que nos une dentro de uma ideia não só de América Latina, mas de um sul global como um todo, África, Ásia, países europeus também que estão aí numa linha sul, digamos assim. Dessas questões, eu acho que nos une também é, a gente também é capaz de inventar e reinventar coisas a partir desse local de escases. Nisso aí não é escases total, né, também a gente sente de alguns privilégios, mas claro. Mas é isso, a gente tá se virando, eu acho que o que nos une é essa, é essa ligação.

Renée: Eu acho que é justamente isso, a gente tá o tempo todo que se reinventar. Porque como a gente trabalha, é muito difícil colocar as dificuldades de produção, de festivais independentes. Eu acho que a gente consegue com pouco as vezes fazer muito. Eu sempre acho que, eu sempre digo que a gente multiplica os investimentos. por conta das parcerias, por conta da vontade de querer fazer e de mostrar. E isso, às vezes, é muito contradição em quem tem muito dinheiro ou quem faz e que tem possibilidade de realmente fazer a diferença.

Eu não vejo quem, aqui eu falo por enxergando os grandes eventos aqui, em Belém, que vai receber a COP, onde está todo mundo falando sobre a Amazônia. Mas os grandes eventos, eles, eu vejo que não tem a menor preocupação desse tipo de troca de entrega, porque a gente também tem dificuldades estruturais até pra, até pra fazer ações de sustentabilidade, tem dificuldades de não ter por exemplo, eu não consigo fazer, não tenho, eu não tenho um gerador, que limpa, que não sei, que faz um monte de coisa, não tem, que a energia é renovável, tem várias coisas que a gente gostaria de fazer aqui na região que a gente não tem acesso a tecnologia e estrutura.

É pensar nessa direção e os países latinos, de uma forma geral, eles conversam muito com as mesmas dificuldades, que nós aqui no Brasil, falando de mercado brasileiro, e a gente tá falando de duas cidades do extremo, a gente tá falando de Belém, norte do Brasil, que tem problemas, por exemplo, que é o contrário do sul com secas gravíssimas, imagina, assim, rios secando, populações que dependem da pesca e dessa economia dos rios, sofrendo esse impacto e Porto Alegre com as enchentes, então, são extremos mesmo.

Num país continental como é o Brasil, é meio, muito desafiador, e também acho que é isso, a gente consegue nessas trocas aí, aprendendo o que é possível fazer dentro dessas limitações, aí acho que essas trocas aí é que realmente enriquecem. Porque a gente fala, ah, eu acho que eu consigo fazer isso aqui no meu festival, mas dessa forma e nem tudo que funciona pra um é funcionar pra outro, e acho que isso é muito legal.

Juli Baldi: É, e é muito legal a gente tá aqui conversando também sobre dois festivais, que nem a Renée acabou de falar, que são um é no norte do país, o outro é no sul, e eles também tem formatos diferentes.

Então, é o Se Rasgum esse ano conseguiu ser o primeiro festival aí da Amazônia Legal a ser certificado como lixo zero, então, uma grande ação, de sustentabilidade. E, enquanto o Kino Beat, ele também traz essas reflexões sobre o impacto, então, o Gabriel já falou um pouco sobre a residência Formigueiro, e agora eu queria entrar um pouco nesse tema, porque foi um tema de investigar, o tema de investigação foi o Guaíba, que é um rio-lago, que transbordou na enchente, atingiu o Porto Alegre em maio do ano passado.

Como é que foi, Gabriel, propor esse tema que ele deriva de um evento climático extremo e qual foi o resultado artístico a partir disso?

Gabriel: Sim, eu vou te dizer que foi bem desafiador, porque a exibência começou em outubro e a gente ficou assim com os impactos da enchente, assim, visíveis nessa forma extrema até junho, e até agora e vai ficar, assim, a água baixou mesmo ali pelo começo de junho, então, aí em outubro trazer esse tópico é muito recente ainda. Era algo que tava muito presente ali das pessoas, dos artistas que foram afetado, de mim que sou afetado, de todo mundo que foi afetado. Então, trazer essa discussão sobre esse corpo de água, se é um rio, se é um lago, já foi um, já foi outro.

Essa ideia de um corpo hídrico, que foi invadida pela cidade, porque boa parte da cidade, ou uma das partes principais da cidade, o seu centro histórico, toda a, toda a orla, tudo aquilo ali foi aterrado. Então, a cidade... já invadiu o rio, definiu que agora, esse ano voltou, ano passado voltou e invadiu a cidade de volta então, a ideia era trabalhar com esse corpo hídrico de uma forma assim que não despertasse gatilhos nas pessoas, que não fosse muito literal, então a gente não podia tá, a gente tinha um espaço que era uma galeria de arte, e esse espaço, tipo na Academia de Cultura do Mar de Quintana, que é um espaço que passa muita gente, muita.

Então, isso foi em formas de discussões entre os... Entre nós, curadoria, os artistas, como falar, pra não esquecer, mas como mostrar bastante também pra não tocar em

feridas, então foi, é uma situação delicada. Vou dar um exemplo de um trabalho, que foi um trabalho que foi fora da galeria até, ele chamou O Dia do Guaíba.

Ele foi uma, uma celebração, na verdade é uma data municipal que existe, todo o último domingo de novembro é uma data municipal chamada O Dia do Guaíba, então ela foi feita, uma data que se celebra esse corpo hídrico, só que ninguém conhece essa data, a gente descobriu essa data, revirando as coisas e o que que a gente, o que que eu propus pra que os artistas, então, essa data que existe ali de forma só protocolar, mas ninguém comemora, então essa data já existe.

Então vamo, vamo propor esse dia do Guaíba, vamo inventar esse dia, vamo celebrar, dar corpo, dar formas, dar substância pra essa data. E e criar esse dia. Então a gente foi uma iniciativa, liderada pela dupla chama Beirada. Então o nome deles é sugestivo, Marcela Futuro e o Tiago Gasperin.

Invitaram outros dois artistas pra ocupar a orla do Guaíba bem nas mediações da usina do gasômetro. Ali o lugar mais populoso assim da orla. Então os artistas eles produziram alguns objetos. Filtros, grandes filtros de cor. Em que as pessoas podiam, cada um segurar com bandeiras, cada um segurava uma ponta e outro uma outra ponta.

Dois metros de filtros de plástico colorido, assim que tu podia botar isso contra o horizonte. E reconfigurar esse, reolhar, fazer mudar a percepção do olhar sobre esse rio. Entre outros, uma lona para desenhar, escrever algumas frases, outros objetos com líquido. Para remeter também às formas d'água. E sim, foi um movimento assim de intervenção urbana e espontânea que precisava das pessoas circulando ali e que acabou realmente criando uma atividade para esse dia.

A gente criou um jornal também com alguns textos, distribuía para o público. Tinha um perolito, tinha um perolito que foi feito com uma instrução assim da embalagem Falando o quanto tempo um peixe demora para desaparecer da sua boca. Enfim, uma cidade lúdica, remetendo, às vezes no sentindo assim para provocar também sobre a poluição do rio. Mas tudo isso de uma forma não literal.

Uma forma que despertasse essa provocasse aí uma armadilhação das pessoas. Justamente para já evitar esse confronto que já foi tão literal e tão impactante da própria água invadindo a cidade. Nesse ponto que a gente ocupou na orla foi completamente alagado.

E além disso foi um ponto principal de resgate. E pessoas das ilhas do Guaíba. Então foi um lugar muito marcante, assim, era um cenário de guerra, assim, com os exércitos, bombeiros, nesse ponto. Então também teve essa simbologia de ocupar, esse espaço com esse caráter, descontraído e de festividade e de celebrar, porque um dia... O dia do Guaíba, a gente pensou que deveria ser isso, celebrar a convivência, com esse, com esse corpo d'água, despertar o que que, o que que é viver ao lado de um corpo d'água tão poderoso, algo que pode realmente, digamos, estressar a cidade ainda mais.

Então, acho que foi uma, uma experiência muito rica, assim, de poder trabalhar com pessoas, de investigar a partir dali do que nos sabe, do que é possível também entender isso. né.

Juli Baldi: E Gabriel, você também lidou com os efeitos das mudanças climáticas com as fortes de chuvas, que atingiram em Porto Alegre várias vezes, 2023 com o festival Avante e depois com essa grande enchente em maio de 2024 então, além da Residência Formigueiro, que você falou agora, que foi essa grande e linda ressignificação aí, do Guaíba aí pra vários artistas, como que esses eventos, essas chuvas edição do Kino Beat em 2024, além, da Residência?

Gabriel: O calendário não foi afetado diretamente, porque a gente, começou ali no meio de outubro até dezembro, principalmente as aberturas, pessoal se estendeu até 2025, devido aos resultados da exposição, da residência, que se alargaram até agora, março, mas o calendário, assim, de eventos ao vivo e aberturas não foi afetado indiretamente, mas a programação sim, porque alguns locais foram afetados.

A própria Casa de Escultura do Maio Quintano, onde aconteceu a residência do Formigueiro. O MARGS é um museu do Rio Grande do Sul, todos em uma praça, que fica a duas quadras do rio.

Então alguns dos espaços tinha programação pensada, tiveram que ser trocados, remanejados ou realmente... eu falo em pensar em outra programação.

Nesse sentido, acho que abriu uma oportunidade muito interessante assim, porque deu tempo da gente remanejar coisas e a gente tá ficando, sei lá, então tá, vamos pensar outras coisas, mas também remanejar programações para a partir dessa catástrofe, a gente poder dar um suporte possível dentro das nossas funções, que foi redirecionar boa parte da programação para a produção local, para artistas locais, para espaços independentes locais, para o pequeno produtor.

Então um festival, que já tem seus 15 anos, que estava comemorando, aproveitar essa estabilidade momentânea do festival e as suas capacidades, redes, patrocinadores, apoiadores, é manter isso para ser num local que foi muito afetado artistas sem trabalho, artistas que perderam tudo, espaços fechados, espaços que não reabriram.

Também tinha programação lá confirmado e foi devastado, uma casa de shows aqui na cidade, um espaço incrível, o pessoal acabou tomando esse, esse direcionamento de entender sua posição já com uma organização re solidificada e consegue se mover e consegue compartilhar a sua capacidade, de contratar, programar, de fazer acontecer junto com as pessoas da cidade. Então, dentro desse cenário ruim, eu acho que teve essa, eu acho que foi uma parte positiva de conseguir trabalhar mais fortes seus locais, de reforçar o vínculo do festival com a cidade, que é, o festival, ele é da cidade, ele é de Porto Alegre ele é 100% Porto Alegre.

Juli Baldi: É, eu acho que é uma coisa que os dois festivais, tanto o Se Rasgum e o Kino Beat fazem muito, a sustentabilidade não é só o impacto que o festival gera no meio ambiente, é deixar a sua carreira artística sustentável para que os festivais continuem acontecendo, e eu acho que tanto o Kino Beat quanto o Se Rasgum fazem isso de forma excelente aí, ano após ano, isso é muito legal.

E Renée, tem um, esse ano a gente tem um evento muito grandioso aí em Belém, que é muito antes de ele acontecer, já está reverberando. Como é que você vê aí os

preparativos da COP30, da Conferência das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas que Belém vai sediar em 2025, como é que você tá vendo aí esses preparativos e se esse evento vai impactar ou já impactou o Se Rasgum?

Renée: É um tema que a gente tem falado bastante, principalmente a gente que tá aqui em Belém e bem delicado também porque apesar de trazer muitas, coisas positivas também, mas trazem outras coisas negativas. E eu acho que falando dentro do nosso mercado aqui em Belém, eu acho que vai ser bem impactada.

Porque a gente, na verdade, não tem visto uma construção, de uma forma geral, de governo do estado e governo federal, pensando muito em como é que isso vai acontecer pra que quem tá aqui no território, de alguma forma, ele seja protagonista dessa história, a gente tá tendo dificuldade, primeiro pra investimentos, que a gente realmente tem sofrido.

Vai ter o evento do Amazônia para sempre, é o evento do Rock in Rio, em setembro, vai ser um, eu acho que dez dias depois do festival do Se Rasgum, a gente teve que, o festival sempre foi ao, nos últimos anos, em novembro, e desde o ano passado, nós mudamos a data para setembro, porque seria inviável fazer o festival, uma logística, imagina o mês de novembro, a gente já tá sofrendo com a parte da logística de hospedagem.

Isso também inflacionou absurdamente os serviços na cidade de hospedagem, tá muito mais caro, as passagens, então assim, tá mais caro ainda fazer o evento aqui. Tá mais caro, tá com mais dificuldade pra gente conseguir os espaços também, tá mais difícil. E os investimentos que também não chegam para os projetos locais.

E não deveria ser dessa forma, eu acho que deveria ser, deveria estar havendo uma colisão ou um entendimento político, para justamente impulsionar os projetos que são locais do território. E agora o que a gente tem visto é que, na verdade, as marcas, quem financia os projetos, eles querem fazer suas próprias coisas.

Enfim, seria muito mais interessante você estar agregando ali a quem já está ali fazendo, entendeu? E não querer inventar a roda, entendeu? Enfim, eu tenho muitas críticas em relação a todos esses movimentos que estão acontecendo em relação a COP. E a gente tá tendo dificuldades, muito maiores do que a gente já tem, o nosso custo amazônico tá ainda maior.

Juli Baldi: E só pra gente encerrar um pouco mais otimista, um pouco mais animado, até vocês, é, comentaram, anteriormente, acho que foi o Cevallos que falou, ah, não dá pra fazer tudo, mas se você fizer alguma coisa muito bem feita. Já é muito legal, é? Primeiro a gente começa, depois a gente vai melhorando.

Então eu queria perguntar pra vocês o que tá na cabeça de vocês, assim, sendo planejado pros próximos dois, cinco, sei lá, pro futuro, que que vocês querem melhorar ou começar a fazer que ainda não é possível ser feito para mitigar ainda mais o impacto dos festivais no mundo. Se vocês têm alguma ação que, ou até para os produtores, de festivais que estão nos escutando, qual tipo de ação que vocês acham que trouxe um impacto muito legal pro festival, pra quem participou, pro mundo? Só uma mensagem, assim, um pouco mais otimista, do que que a gente pode esperar aí do Se Rasgum e do Kino Beat, nos próximos anos relativo ao impacto?

Gabriel: Eu acho que eu repasso, assim, um pouco essa, essa ideia que foi, me foi transmitida ali nesse grupo na mentoria, seguindo a tua provocação que dizer pra outros produtores, outras pessoas que tão vindo e trabalham com isso. Eu acho que reforçar essa ideia, assim, entender o que que é o seu espaço, entender a sua cidade, a sua comunidade, a sua organização.

Mas são seus pilares e a partir dele escolher algumas faltas tentar reforçar, fazer o melhor possível uma, duas faltas, enfim, aí o número é cada um decide mas eu acho que seria assim uma dica, repassando aí as mentorias pra quem não participou. Então, acho que pode ser, é bom, assim, pra reduzir essas ansiedades, as distrações dos produtores que a gente vive com isso, mas não, forçar, "olha, tô fazendo isso, com essa profundidade, com esse propósito".

Eu acho que, no caso do Kino Beat, é seguir com a residência, com projetos derivados da residência, com outras programações que reforcem esse pilar que eu adotei do festival, que é a reflexão, que é a sensibilização. Eu vou fazer o copo eco, eu vou tratar o resíduo sólido, isso, isso acho que é meio que o mínimo.

Poder alimentar o bar, poder alimentar o palco grande, tá? Como a gente consegue ter essas ações trabalhar com coleta seletivos, tratadores. Porto Alegre é uma cidade que foi pioneira nessa questão da coleta seletiva, nos anos 80. Então, assim, tem todo um ecossistema que pode e deve ser incentivado, trabalhar com essas pessoas, com essas cooperativas, isso é algo que tá, tá planejado, vai ser feito.

Renée: Eu queria fazer muitas coisas, mas é, é isso que o Gabriel falou, a gente tem que conter a nossa ansiedade e ver o que é que é possível fazer, dentro ali do contexto de onde você vive, da sua relação com a cidade, com a sua comunidade, de uma forma geral.

E em Belém, a nossa preocupação... É a relação da cidade com os rios. A gente tem sempre nas nossas ações uma preocupação grande com a relação da população que mora às margens. Como a gente consegue, através das nossas ações, sensibilizar o público.

Essa relação dele, no nosso caso aqui em Belém, numa cidade que é banhada de rios, de como essa relação com seu habitar. Acho que o que a gente pode fazer é o que tá aqui ao nosso alcance, tentando sensibilizar da forma, que é viável, o que impacta maior, na nossa região.

O pensar local hoje é o pensar global, é o local pensando global sempre, é, o que acontece aqui na Amazônia vai impactar no mundo inteiro. E como impacta também as pessoas que vivem nesses lugares e como elas são afetadas. Então, acho que é isso, a gente, eu deixo assim, é um recado é esse mesmo, da gente tentar fazer algo que esteja ao nosso alcance e que dialogue, de alguma forma, com a nossa região, com a sua cidade. E, de alguma forma, como isso pode sensibilizar outros projetos também, outros movimentos.

E eu acho que é isso, é, a gente tem que fazer que se a gente toca o coraçãozinho, ou então mobiliza duas ou três pessoas que já vão replicar alguns modelos, acho que já tá, gerando impacto, sabe, dentro do seu território. Então é isso, sendo positiva a arte é transformadora, a arte tem esse poder de sensibilizar pessoas e de mudar muitas coisas, então acho que a gente tem que continuar com esse trabalho

forte que a gente tem feito em cada, nos seus territórios, e levando essas mensagens de forma cada vez mais, positivas também, de mudanças para o, para as pessoas que nos acompanham e que também não nos acompanham, de como a gente pode furar também essas bolhas.

Juli Baldi: Sim maravilha gente. Gabriel e Renée, muito obrigada pela participação por esse papo inspirador e por vocês compartilharem essa vivência de vocês, esse conhecimento adquirido. Muito obrigada mesmo. Eu sou a Juli Baldi e esse foi o episódio do Cultura Circular dedicado aos festivais brasileiros.

Muito obrigada pela companhia e até mais.